

ORIDES FONTELA*

Adalberto Müller
Elizabeth Hazin
Universidade de Brasília

Consta que Orides de Lourdes Teixeira Fontela nasceu em São João da Boa Vista (SP) em 1940, filha de Álvaro Fontela, operário, e Lurinda Teixeira Fontela, do lar. Na cidade do interior ela viveu até os 26 anos, quando foi para São Paulo estudar filosofia na USP. Não era uma pessoa fácil, é o que se costuma dizer. "Eu sou o próprio coração selvagem", assim ela se autodefiniu. Também disse nunca ter amado um homem. O que não a impediu de ter compreendido que o amor é uma ave rebelde. Professora aposentada, morreu pobre aos 58 anos. Mas tinha alguns admiradores fiéis: Antônio Cândido, Marilena Chauí, Décio de Almeida Prado, Augusto Massi.

Obstinada na tarefa de atingir o coração das palavras, Orides Fontela legou-nos - pois que sua pequena obra é um legado - cinco livros de poemas elaborados ao longo de quase 30 anos: *Transposição* (1969), *Helianto* (1973), *Alba* (1983), *Rosácea* (1986) e *Teia* (1996). Esses títulos, singelos e ao mesmo tempo enigmáticos, dizem muito sobre a sua poesia, sempre tensionando os limites que separam o signo e a rosa. Uma poesia límpida e profunda, que nasce de uma depuração extrema da expressão. Numa tal poesia, a subjetividade parece querer dissimular-se (ou transfigurar-se?) entre grades de decifração, ou está à espreita, numa teia que ela cria para enredar também o leitor: como a aranha descrita por Francis Ponge, Orides é (etimologicamente) uma "funâmbula funesta", que anda (ambula) sobre os fios (funus) da língua portuguesa, à espera de seus incautos leitores.

A leitura não atenta dos poemas de Orides Fontela pode levar à idéia de simplicidade e despojamento formal. Mas que não se engane o leitor: sob a aparência de leveza e fluidez, sua poesia esconde a ordem e a força que vêm da luz da razão. Consciente do poder das palavras, é ela mesma que nos avisa:

Não há piedade nos signos
e nem no amor: o ser
é excessivamente lúcido
e a palavra é densa e nos fere.

(Toda palavra é crueldade).
(Fala, *Transposição*)

* Ensaio recebido em dezembro de 2004

Sua poesia se inscreve sob o signo da lucidez. Daí sua recorrência à simbologia da luz, da transparência, do sol, da água, do espelho. Poesia bela porque autêntica, dela pode ser dito que se apresenta ao leitor como revelação do SER. Nenhum de seus versos é inocente. Nem a escolha de seus títulos. Tomemos, para citar um exemplo, o primeiro de seus livros: *Transposição*(1969). Logo nos damos conta de que o livro se divide em quatro partes: Base, (-), (+) e Fim. Palavra que pertence simultaneamente ao campo semântico da Álgebra e ao dos estudos da linguagem, *Transposição* alude genericamente ao ato de mudança de posição ou de categoria de um elemento, atribuindo-lhe função diversa da sua função básica. O léxico utilizado por ela nesse livro se organiza em função desses campos: geometria, planos, ângulo, face, infinito, aresta, unidade, círculo, superfície / memória, signo, palavra, fala, diálogo, texto, trama, verbo, segredo, silêncio. Se considerarmos os quatro subtítulos, veremos que constituem oposições, inversões situacionais: *base* (início, alicerce) X *fim* (limite, conclusão) e (-) X (+). A poesia de Orides sinaliza, portanto, a contínua mutação, a eterna transposição de uma coisa em outra. Assim, se por um lado, "o sol novifluente/ transfigura a vivência: outra figura nasce/ e subsiste, plena", por outro, "ao meio-dia a vida/ é impossível. /A luz destrói os segredos". Todavia, tal transposição nem sempre significa - para ela - alteração de significado, pois ao meio-dia "a vida é lúcida e impossível", ao mesmo tempo. Para a poeta, não importa se o sol está morrendo ou vai nascer: é tudo a mesma hora, e a dor é igual e - por isso - deve ser assinalada. No nível mesmo da linguagem, o jogo já se dispõe para o leitor: no poema *Série*, as palavras *lúdico* e *lúcido* se contrapõem, adensando

seus próprios significados e intensificando a compreensão que deles o leitor passa a ter.

Por último, não venha aqui esquecido o simbolismo do número. Segundo o *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier, as significações simbólicas do *quatro* estariam ligadas às do quadrado e da cruz. É o símbolo da totalidade e, na Bíblia, especialmente no *Apocalipse*, o quatro sugere a idéia de universalidade: os quatro vivos correspondem ao conjunto dos vivos no mundo da luz. Os quatro cavaleiros trazem as quatro pragas principais. O quatro seria ainda um princípio de organização. O espaço se divide em quatro partes, assim como o tempo é medido em quatro unidades: o dia, a noite, a lua e o ano. Nesse livro, seus poemas são fragmentos que confluem para uma totalização e muitos deles - embora fragmentos - guardam em si a idéia de totalidade:

O amor, imor-
talidade do instante
totalização da forma
em ato vivo: obscura
força refazendo o ser.
(Ode II, *Transposição*)

Pouco é viver
mas pesa
como todo o ser
como toda a luz
como a concentração do tempo.
(Ode III, *Transposição*)

Por falar em tempo, eis outra constante da poesia de Orides. É o tempo que cerceia a existência: "o fluxo onda ser/ impede qualquer flor/ de reinventar-se em/ flor repetida". Contra

ele, apenas a Palavra ("ordem transpondo-se em beleza") é capaz de domar o caos. Poeta sempre pronta a romper os limites, na busca da essência, sua leitura nos conduz à constatação inevitável de que pela palavra ela permanece, pois somente à Poesia se pode creditar o estatuto do que não morre e vence o tempo. Escutemos a lição de Orides:

Aprender a ser terra
e, mais que terra, pedra,
nuclear diamante
cristalizando a palavra.

A palavra definitiva.
(Núcleo, *Transposição*).

Neste número da *Cerrados* dedicado à poesia brasileira contemporânea, acreditamos ser justa uma pequena homenagem a Orides Fontela, que aqui se realiza com um pequeno mas interessantíssimo texto de Michel Maffesoli (cedido gentilmente a esta revista) e com algumas das traduções de suas obras para a língua francesa, publicadas no volume *Trevo/Trèfle*, pela editora L/Harmattan, em 1998, com tradução de Emmanuel Jaffelin e Márcio de Lima Dantas. As traduções, acompanhadas do original, mostram que a vitalidade da poesia de Orides Fontela faz com que seus poemas ultrapassem a barreira entre as línguas, barreiras que, afinal, não são tão intransponíveis assim. Os tradutores, como dizia Celan dos poetas, também têm a missão de "transportar e salvar".